



Andrew Samuels propõe menos brigas com a psicanálise

SERVIÇO

Palestra de Andrew Samuels
— Às 20h30 de hoje, no
anfiteatro do Servidor Público,

Rua Pedro de Toledo, 1.080,
segundo andar. Ingressos a Cr\$
6.000,00

PSICOLOGIA/**Palestra**

Jung explica subjetividade do mundo moderno

Analista junguiano inglês faz conferência hoje em SP para mostrar como as idéias do pensador suíço ajudam a compreender as contradições das sociedades contemporâneas

Lina de Albuquerque

Na sua primeira viagem ao Brasil, o analista inglês Andrew Samuels, de 42 anos, tira o cachimbo da boca para dizer: "O mundo está ficando cada vez mais animado". Em meio a uma ressaca pós-guerra, a frase poderia soar como uma heresia, caso esse analista de Londres não estivesse falando para uma seleta platéia que domina a terminologia da psicologia junguiana. A "animação" em questão deriva do **anima**, nome de um dos arquétipos estabelecidos pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) para designar os componentes de feminilidade presentes no psiquismo do homem. A essência do **anima** pode também ser encontrada na criatividade e no pensamento não sistemático. Ou onde quer que reine subjetividade e confusão.

Autor dos livros **Jung e Pós-Junguianos e Dicionário Crítico de Análise Junguiana**, ambos publicados no Brasil pela Editora Imago, Andrew Samuels faz hoje a sua segunda palestra (a primeira foi ontem) em São Paulo e volta a falar sobre a

interferência do **anima** na sociedade contemporânea. "Os velhos modelos patriarciais estão desmoronando", observa o analista londrino que está no País a convite da filial brasileira da Sociedade de Psicologia Analítica, escola fundada por Jung depois de seu rompimento com Freud. Na sua opinião, a psicologia junguiana consegue ser hoje mais eficaz que a psicanálise freudiana. "Ela foi inventada para um mundo confuso", sublinha.

No ponto de vista da analista brasileira Sylvia Loeb, a qualidade mais notável de Samuels consiste na sua capacidade de conseguir manter o diálogo com outras áreas do conhecimento como forma de enriquecer a atividade clínica. "Ele não está interessado em promover brigas entre a psicologia analítica e a psicanálise", ela comenta. O analista inglês se diz preocupado com o destino reservado à escola junguiana desde a morte do seu fundador. Por um lado, Samuels reconhece que esse ramo do saber vive atualmente um momento de alta. "Ao contrário da orientação de Freud, até os freudianos aprenderam com os junguianos a incorporar a regressão na análise", exemplifica. Expressões junguianas como "inconsciente coletivo" (relativo aos símbolos comuns a todos os grupos humanos) e "individuação" (processo pelo qual a pessoa se toma um indivíduo e se realiza) já se encontram incorporados ao linguajar comum. Em contrapartida, Samuels teme o grande número de

charlatões que adoram denominar-se "junguianos".

As experiências místicas de Jung, com i ching e tarô por exemplo, funcionam como uma espécie de chamariz para atrair todo tipo de esotérico em torno da psicologia analítica. "A meu ver, o problema maior é que há muita gente aplicando os ensinamentos de Jung sem ter recebido a formação de analista", comenta Samuels. Ele não costuma lançar mão desses artifícios durante o processo de análise — exceto no caso de o próprio paciente demonstrar interesse por esse tipo de simbologia. Embora seja um seguidor de Jung, Samuels é capaz de detectar hoje muitas limitações do psiquiatra de Zurique. "Jung via o **anima** como uma figura mais agradável que o **animus**, que é o seu inverso", ele diz. "Para ele, o **anima** suavizava o homem, ao passo que o **animus** tornava a mulher mais agressiva".

Andrew Samuels, que deve lançar o seu terceiro livro no País até o final do ano, acredita que a Psicologia Analítica tem muito a aprender com o Brasil e outras nações subdesenvolvidas. "A psicologia de Jung não faz um conluio com o status-quo. Os seus seguidores devem prestar mais atenção aos marginalizados e despossuídos." No jargão junguiano, esse grupo recebe a denominação de sombra — o lado escuro onde moram em nós todas as coisas que nos desagradam ou nos assustam.